

VISIBILIDADE DAS NARRATIVAS, DA MATERIALIDADE E DAS LUTAS DO PASSO DOS NEGROS

TANIZE M. GARCIA¹; GUILHERME G. RUCHAUD²; LOUISE PRADO ALFONSO³

¹Universidade Federal de Pelotas – nize.garcia@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – guiruchaud@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho visa apresentar uma ação desenvolvida no âmbito do projeto extensão *Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogas/os em formação*. A ação foi voltada ao desenvolvimento de um módulo sobre o Passo dos Negros em uma exposição realizada pela equipe do projeto de pesquisa “*Margens: Grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*”, vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) do Departamento de Antropologia da UFPel.

Além da comunidade do Passo dos Negros, o referido projeto de pesquisa envolve outros grupos formadores da cidade de Pelotas, em especial aqueles relacionados a outros quatro projetos de extensão: *Mapeando a Noite: o universo travesti*; *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas*; *O Trabalho Doméstico entre o Passado e o Presente: Direitos e Cuidados da Atualidade*; e *A questão Afro-indígena nas escolas: oficinas com multiplicadores sobre identidade, patrimônio e arqueologia*,

A exposição *Margens: diferentes formas de habitar Pelotas* foi constituída de forma a apresentar alguns dos resultados desses projetos, ainda em andamento, e a provocar reflexões a respeito das narrativas oficiais sobre a cidade de Pelotas. Buscou-se dar visibilidade à diferentes grupos que compõem e constroem a cidade cotidianamente e que permanecem subsumidos nas narrativas oficiais. Ao trazer a multiplicidade de formas de se pensar cidade, convidamos as/os visitantes a refletir e, principalmente, a narrar a sua cidade.

Às/aos integrantes do grupo de pesquisa “*Margens*” somaram-se outras/os estudantes dispostas/os a contribuir na montagem da exposição, compondo uma equipe diversa e multidisciplinar, que corresponde à própria natureza dos projetos. Do mesmo modo, a multiplicidade teórica marcada pela presença de alunas/os de várias áreas do conhecimento foi pautada na orientação pedagógica da *pergunta*, proposta por Freire (1985), como forma de imprimir desde o planejamento da amostra o pensamento crítico a partir do diálogo evocado pelos questionamentos. Estes dispostos em banners em cada módulo da exposição, em um painel interativo que continha uma série de perguntas que convidavam o visitante a participar por escrito da construção do painel ou pela conversa com as/os mediadoras/es da exposição.

A exposição aconteceu no período de 18, 19 e 20 de agosto de 2017, durante um evento promovido pela Secretaria Municipal de Cultura (Secult) de Pelotas (RS), intitulado “*Dia do Patrimônio*”. Além de apresentar os primeiros resultados dos projetos, a ação pautada em uma *nova museologia social* que convida à reflexão, favoreceu o diálogo entre universidade e sociedade, contribuiu na formações discente e gerou novos dados para a pesquisa. além de atender demandas das comunidades envolvidas

2. DESENVOLVIMENTO

Foi por meio de reuniões das equipes dos projetos, comunidades e curadoras/es que foram selecionados os temas e narrativas que seriam apresentadas nos módulos, a metodologia que guiaria a concepção dos banners e painéis interativos, que iriam expor e comunicar temáticas tão diversas. Também foram selecionadas imagens fotográficas e objetos, os meios de interação e registros dessas comunicações seriam importantes para costurarmos uma gama tão variada de formas de ver e de construir a cidade de Pelotas. Conforme Agier (2011) a cidade se constrói constante e cotidianamente por diferentes formas de se habitar.

Formamos o que parecia uma “sala-mosaico” ou um “mapa interativo” que permitisse às/ aos visitantes uma aproximação das pessoas de grupos diversos e a forma como elas vivem a cidade e constroem narrativas. Os *banners* dos projetos eram acompanhados por elementos materiais. A exposição iniciava com um banner de apresentação do Margens, seguido dos módulos dos cinco projetos de extensão. Em cada módulo, as/ os visitantes eram abordadas/ os por mediadores com perguntas sobre seu conhecimento a respeito das diversas temáticas expostas. O último módulo era composto por um painel de perguntas e respostas onde as pessoas poderiam descrever as suas formas de habitar e construir Pelotas, a partir de questionamentos como: *Que Pelotas tu conhece? Como as tuas histórias se misturam com as histórias da cidade? Como é viver em Pelotas? Quais são teus lugares preferidos na cidade?* Neste módulo ficavam disponíveis papéis em branco e canetas para o registro das respostas. Dessa forma, a participação de cada visitante poderia vir a formar uma “Pelotas múltipla”, sendo as/ os visitantes integrados imediatamente à exposição. Por fim, era apresentado um banner com a equipe que construiu a exposição.

Para o módulo do projeto *Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogas/ os em formação* construímos uma narrativa fotográfica, utilizando fotos resultantes de trabalhos de campo coletivos junto à comunidade do Passo e textos que descreviam narrativas das/ os moradores sobre a localidade e suas referências culturais. Essa narrativa fotográfica foi exposta sobre um grande mapa do Estado do Rio Grande do Sul, datado de 1902, que apresentava o Passo dos Negros como marco importante daquele período. Este mapa destacava a importância histórica da localidade e nossa intervenção, buscava apontar para a relevância contemporânea desse lugar e para a participação daquela comunidade no processo de construção da cidade ao longo do tempo. As imagens fotográficas ainda serviram para demarcar a região que consideramos o Passo dos Negros, com base no que as pessoas que habitam aquele lugar o compreendem e narram. Segundo Samain (2012) as fotografias são imagens que pensam, uma vez que veiculam ideias que fazem pensar.

O módulo buscava ainda, discutir o direito à cidade e apresentar o debate sobre a especulação imobiliária crescente na região e as ameaças de remoção de alguns grupos. Também, procurava incentivar a reflexão sobre os bens patrimoniais valorizados pela história oficial de Pelotas e sobre elementos e aspectos que são invisibilizados por estas narrativas oficiais, mas que também são importantes para a história da cidade (ALFONSO E RIETH, 2016).

O módulo continha, além do banner de apresentação dos debates propostos pelo projeto, um outro banner produzido e selecionado pelo Osório Futebol Clube, clube esportivo centenário do local. Bem como, um troféu de conquista histórica do clube escolhido pela comunidade, evidenciando a apropriação daquela comunidade da exposição e parceria com o projeto de extensão.

Todas as etapas da exposição enfatizaram que os diferentes grupos, marginalizados ou invisibilizados, nas histórias oficiais, também construíram e

constroem a cidade todos os dias, em seus cotidianos. Sendo assim, suas narrativas e materialidades devem ser consideradas importantes enquanto patrimônio e devem compor a história oficial de Pelotas.

3. RESULTADOS

Em parte por ter sido realizada no Casarão 2, edificação tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e um dos mais privilegiados em termos simbólicos e de localização, a exposição “Margens: diferentes formas de Habitar Pelotas” recebeu uma grande quantidade de visitantes ao longo dos três dias. No primeiro dia, sexta-feira, se destacaram os grupos escolares, principalmente no período da manhã. A pedagogia pautada em perguntas, nos auxiliou a levar temas, muitas vezes polêmicos, com leveza para as crianças, que foram instigadas a interagir conosco, se mostravam empolgadas com o troféu cedido pelo Osório FC. O objeto, certamente, mais fotografado pelas crianças. Algumas chegavam a passar rapidamente por outros módulos para chegar mais rápido até o troféu. Uma menina do grupo escolar disse que sua mãe era torcedora do Osório até hoje. A mãe dela frequentava o Osório, mas hoje moram no Dunas, mais ao norte na cidade, e continua sendo torcedora.

Durante o final de semana, diferentes grupos visitaram a exposição, identificando-se mais ou menos com cada projeto exposto. Foram muitas as narrativas sobre o Passo dos Negros por parte destes grupos diversos. Como parte do nosso planejamento, oferecíamos nossa atenção para as trocas que enriqueciam aquela experiência. Entre as/os visitantes descobrimos também haver pessoas que conheciam a região do Passo dos Negros das mais diversas maneiras, como antigos moradores. Outro visitante, que ficou impressionado com as fotografias, enfatizava a importância do Engenho como patrimônio da cidade: “(...) é importante resgatar esses prédios, tem um colecionador, tipo um historiador (...) que conheço que tem fotografias antigas disso tudo aí, Pelotas não sabe valorizar a sua história (...)”, dizia Fábio (visitante da exposição). Para ele, que fala sobre a cidade como uma entidade, seus moradores não dão ênfase suficiente à história “(...) tão rica de sua fundação e, deixam que tudo fique, assim, na pobreza (...). Para Fábio, as imagens atuais do Passo e do *centro histórico* onde a exposição aconteceu, denotavam decadência. No entanto, continuou sua fala dizendo que era importante a presença daquelas histórias nos casarões, mostrando “(...) que Pelotas não é só o centro (...).” Algumas pessoas, ao se depararem com o painel mostrando o Passo dos Negros na atualidade, recordavam de situações do passado que os remetiam a bairros próximos. Percebemos que o Passo dos Negros pode ser também uma forma de acionar memórias sobre outras regiões da cidade, mantendo importante aspecto de conexão tal como se dava nos tempos de escravidão, não sendo, de forma alguma, um local isolado.

Muitos se interessavam pelos temas e se surpreendiam com as informações que disponibilizávamos sobre a pesquisa e demonstravam preocupação quanto às ameaças de remoção de grupos, em especial das famílias de pescadores que serão realocadas em uma localidade distante do canal. Podemos, assim, perceber que as exposições mexiam com os visitantes, fazendo pensar sobre as outras formas de patrimônio em Pelotas, como nos propusemos a apresentar. Outros ainda reforçavam as formas mais clássicas de se entender patrimônio cultural, questionando-nos sobre o motivo de estarmos falando sobre as influências negras na construção histórica da cidade, quando deveríamos estar falando dos casarões. De fato as imagens e os objetos do Passo faziam-nos pensar.

4. AVALIAÇÃO

Considerando que o objetivo da exposição era legitimar e dar visibilidade às narrativas e às referências culturais de grupos que fazem parte de Pelotas, mas que são historicamente invisibilizados e excluídos, acreditamos que a exposição tenha cumprido seu papel. Esta foi uma das ações mais visitadas durante o evento e mais abordadas pela mídia local. O interesse demonstrado por grande parte das/os visitantes, a percepção do desconhecimento sobre os temas, narrativas e lutas dos grupos apresentados, mesmo por pessoas nascidas em Pelotas, enfatizaram nossa hipótese inicial de que esses grupos estão invisíveis na narrativa que se constrói sobre a cidade, por meio de seus aparatos discursivos oficiais.

A ação também foi de extrema relevância para as equipes dos projetos que atuaram como mediadoras/es, alternando entre os diferentes módulos para a recepção das pessoas. Embora muitas/os mediadoras/es possuíssem mais afinidade com uma ou outra temática específica, foi possível observar que nossas próprias narrativas a respeito da exposição e dos painéis variava ao longo desses três dias, pois se modificavam conforme as experiências das mediações anteriores e as relações que foram sendo costuradas com as/os visitantes. Aprendemos muito durante o processo.

Ressaltamos a apropriação da comunidade do Passo dos Negros da ação, tanto pela disponibilidade de participar de uma mesa redonda organizada pelo projeto para apresentar o Passo, como nas contribuições para a formação do módulo.

Entendemos que a exposição desses trabalhos no Casarão 2, no evento comemorativo do “Dia do Patrimônio”, foi uma forma muito importante de buscar a visibilização destes grupos em processos de exclusão em Pelotas. Os resultados desta ação deve somar-se aos resultados de outras ações desenvolvidas junto a esses grupos pelos respectivos projetos. A percepção de atitudes preconceituosas, ou sorrisos de reconhecimento de visitantes contribuíram, também, para a continuidade de nossas reflexões. Diante das experiências, entendemos que os grupos que compuseram essa exposição estão mais próximos das narrativas sobre cidade e sobre patrimônio das/os visitantes pois, por meio do diálogo e trocas experiências, foram possíveis reflexões sobre a necessidade de ampliar suas visões sobre Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M.. **Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011

ALFONSO, L. P.; RIETH, F.M.S.. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. SCHIAVON, Camen Burget; PELEGRIINI, Sandra de Cássia. (Org.). **Patrimônios plurais: iniciativas e desafios**. Rio Grande: Editora da FURG, p. 131-147, 2016.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A.. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Ed, Paz e Terra. 1985.

SAMAIN, E. As imagens não são bolas de sinuca. **Como Pensam as Imagens**. São Paulo: UNICAMP, 2012 pp. 21-36